

Notas do Processo do Meio Ambiente em Curso!

Paula André

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa
Dinâmia'cet-iul
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo: A pretexto dos 50 anos da Conferência de Estocolmo (1972), partindo de inquietações e activismos contemporâneos em torno do Meio Ambiente, recuperando o rasto da *Declaração de Estocolmo* (1972), o rasto da curadoria do arquitecto paisagista Júlio Moreira da secção *Landscape Design* para a 2ª *exposição de design português* (1973), e pesquisando os ecos do seu livro *O mundo é a nossa casa* (1973), as pequenas notas do presente texto procuram resgatar a utopia e a esperança de Júlio Moreira entendendo-as como Processo do Meio Ambiente em Curso! Procuram-se também ressonâncias da série documental *Há só uma terra...* (1972-76) produzida pela Comissão Nacional do Ambiente com a coordenação do engenheiro José Correia da Cunha, com realização e apresentação do jornalista Luís Filipe Costa, exibida ao público em horário nobre na Radiotelevsão Portuguesa (RTP), procurando consciencializar a opinião pública dos temas relacionados com a ecologia e com as questões ambientais.

Palavras-chave: *Declaração de Estocolmo*; Meio Ambiente; *Há só uma terra*; Júlio Moreira; *O Mundo é a nossa casa*

A pretexto dos 50 anos da Conferência de Estocolmo de 1972 e do apelo para a necessidade de educar para compreender o mundo, elegemos o direito à utopia e o direito à esperança como bandeiras deste incerto tempo contemporâneo. Neste processo integramos o arquitecto Liam Young (1979-), que procura construir mundos imaginários através da sua *Cidade Planeta* para 10 mil milhões de pessoas (a população estimada em 2050), pois acredita que criando mundos imaginários podemos ligar-nos emocionalmente com as ideias e desafios no futuro. O desafio de Liam Young desenhasse na sequência da proposta de um novo mundo do biólogo Edward O. Wilson (1929-2021) a que chamou *Meia-Terra* dedicando metade da terra à natureza. A *Cidade Planeta* foi criada como resposta à linha vermelha crescente no gráfico da alteração climática, como um roteiro para um futuro desejado, e pode ocupar pouco mais de 0,02% da Terra. Permitiria devolver quase todo o planeta à Natureza¹. Integramos igualmente a arquitecta Lesly Lokko (1964-), curadora da Bienal de Arquitectura de Veneza de 2023, com o tema *O Laboratório do Futuro*, que considera que está a surgir uma nova ordem mundial “com novos centros de produção e controle de conhecimento” e que “após dois dos anos mais difíceis e decisivos de que há memória, os arquitectos têm uma oportunidade única de mostrar ao mundo o que fazem de melhor: apresentar ideias ambiciosas e criativas que nos ajudem a imaginar um futuro mais equitativo e optimista em comum”². Consideramos que esse direito à utopia e à esperança deve ser um processo em curso! Na verdade, a Carta UNESCO da União Nacional dos Arquitectos para a formação em arquitectura procura responsabilizar e criar compromissos com o ambiente construído ao assumir

“Nós, arquitectos, implicados na evolução futura da qualidade do ambiente construído num mundo em rápida transformação, cremos que tudo quanto tem repercussão sobre o modo como tal ambiente é planeado, concebido, construído, utilizado, equipado, cuidado e mantido, pertence ao domínio da Arquitectura”³.

No actual contexto de impasse da guerra entre a Rússia e a Ucrânia o filósofo Edgar Morin (1921-) alerta para a necessidade de manter o foco na preservação do meio ambiente lutando contra a degradação ecológica

“Espera-se que a paz chegue o mais rápido possível, pois a guerra não só produz desastres humanos irremediáveis na Ucrânia, mas também piora as condições de vida no mundo e gera o risco de fome em muitos países e, o que esquecemos, que obscurece os problemas vitais que tivemos de enfrentar durante décadas, como a degradação ecológica do planeta, incluindo o aquecimento global, a explosão descontrolada de lucro que está determinando a crise ecológica e agravando a crise generalizada das democracias no mundo, a crise da globalização agravada pela crise

¹ Liam Young: Planet City -- a sci-fi vision of an astonishing regenerative future | TED, <https://www.youtube.com/watch?v=AX4ewS-YIbA>

² Lesly Lokko appointed curator of the Biennale Architettura 2023, <https://www.labiennale.org/en/news/lesley-lokko-appointed-curator-biennale-architettura-2023>

³ Carta UNESCO-UIA para a formação em Arquitectura. Paris, UIA, 2017, p.3.

planetária resultante da pandemia, uma pandemia ela própria não domada e que corre o risco de ser novamente desencadeada”⁴.

A lucidez do olhar radiográfico de E. Morin está presente no pensamento do geógrafo David Harvey (1935-) ao sublinhar que

“todos os projectos (e argumentos) ecológicos são simultaneamente projectos (e argumentos) político-económicos e vice-versa. Os argumentos ecológicos nunca são socialmente neutros, assim como os argumentos sociopolíticos não são ecologicamente neutros. Observar mais de perto a maneira como a ecologia e a política se relacionam torna-se imperativo se quisermos ter uma melhor compreensão de como abordar questões ambientais/ecológicas”⁵.

Investigando e trabalhando na área da bioética, da filosofia do meio ambiente, e da capacidade de enfrentar o desafio climático, a filósofa Corine Pelluchon (1967-) na sua obra *Reparemos el Mundo. Humanos, animales, naturaleza* (2022)⁶, desenvolve igualmente o pensamento em torno da nossa relação com o meio ambiente, desenhando e propondo a urgente reconciliação com a natureza e de uma revolução antropológica. Segundo Corine Pelluchon é alarmante que o nosso modelo de vida esteja fundado na exploração ilimitada dos seres vivos, sendo necessário mais do que nunca não esquecer que a ecologia tem o seu espaço na política e que sem perder a sua qualidade deve estar acessível⁷.

No mesmo sentido o filósofo Michael Marder (1980-) na sua obra *El vertedero filosófico. Una fenomenología de la devastación* (2022)⁸, destaca a importância do mundo vegetal no pensamento e na existência humana, assim como a importância da descarbonização e o papel que a filosofia desempenha actualmente nos desafios da humanidade⁹.

António Guterres (1949-) secretário-geral da *Organização das Nações Unidas* (ONU) apresentou o tema do Dia Mundial do Meio Ambiente *Apenas uma Terra* (Only one Earth) como declaração de facto:

“Este planeta é o nosso único lar. É vital que salvaguardemos a saúde da sua atmosfera, a riqueza e a diversidade da vida na Terra, os seus ecossistemas e os seus recursos finitos. Mas não o estamos a fazer. Estamos a pedir demasiado ao nosso planeta para manter formas

⁴ Edgar Morin, *De l'URSS à la Sainte Russie*, 2022, <https://edgarmorin.secsesp.org.br/categoria/sobre-morin/36-de-l-urss-a-la-sainte-russie>

⁵ David Harvey, The nature of environment: the dialectics of social and environmental change, in, *Socialist Register*, n.29, 1993, p. 25.

⁶ Corine Pelluchon, *Reparemos el Mundo. Humanos, animales, naturaleza*. Ned Ediciones, 2022.

⁷ Pablo Suárez, La forma en que habitamos el mundo explica también nuestra identidad moral, entrevista a Corine Pelluchon, in, *Medio Ambiente*, 19 Maio 2022, in, <https://ethic.es/2022/05/entrevista-corine-pelluchon/>

⁸ Michael Marder, *El vertedero filosófico. Una fenomenología de la devastación*. Ned Ediciones, 2022.

⁹ David Lorenzo Cardiel, Para resolver las cuestiones energéticas también se necesitan filósofos, in, *Medio Ambiente*, 25 Maio 2022, <https://ethic.es/2022/05/entrevista-michael-marder/>

de vida que são insustentáveis. Os sistemas naturais da Terra não conseguem acompanhar as nossas exigências”¹⁰.

No discurso de abertura da conferência *Stockholm+50* dia 2 de Junho de 2022 em Estocolmo António Guterres apelou ao “fim da guerra suicida contra a natureza”¹¹ alertando para a “tripla crise planetária gerada pelas alterações climáticas, a perda de biodiversidade e pela poluição”¹², sublinhando ainda que

“as Nações Unidas estão empenhadas em liderar estes esforços globais de cooperação, porque a única forma de avançar é trabalhar com a natureza, e não contra ela. Juntos podemos assegurar que o nosso planeta não só sobrevive, como também próspera, porque temos *Apenas uma Terra*”¹³.

A necessidade de um compromisso global ficou clara no Relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas de 2014 com o título *O caminho para a dignidade até 2030: erradicando a pobreza, transformando vidas e protegendo o Planeta*. Num compromisso colectivo para a sustentabilidade do Planeta – a Agenda 2030, foram mundialmente adoptados os *Objectivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS)¹⁴. A conferência *Stockholm+50* com o tema *Um planeta saudável para a prosperidade de todos – a nossa responsabilidade, a nossa oportunidade*, reiterou todos os 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e chamou a atenção que “todos devemos assumir a responsabilidade de evitar a catástrofe provocada por uma tripla crise: alterações climáticas, perda da natureza e de biodiversidade, e poluição e desperdício”¹⁵.

Em Junho de 1972 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, reunindo 113 países, foi lançado o desafio “Uma Única Terra”

¹⁰ António Guterres o secretário geral da ONU mensagem no dia Mundial do Ambiente, in, <https://unric.org/pt/mensagem-sobre-o-dia-mundial-do-ambiente/>

Cientes dos efeitos que o modo de viver contemporâneo provoca no planeta destacamos apenas algumas edições de 2022: Cary Wolfe, *Art and posthumanism, essays, encounters, conversations*; Stefano Boeri Architetti, *Green Obsession: trees towards cities-humans towards Forests*; Lisa Fitzgerald, *Digital Vision and the Ecological Aesthetic (1968-2018)*; Francisco Lloret, *La muerte de los bosques*; Marc Thorpe, *Towards an Architecture of Responsibility*; Bert de Jonghe, *Inventing greenland “Designing na Arctic Action”*, não esquecendo no entanto, tantas outras edições anteriores como as de Aldo Leopold, *A Sand Country Almanac* (1949); Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1961); Rachel Carson, *Silent Spring* (1962); Christopher Alexander, “A City is not a Tree”, *Architectural Forum* (1965); Ian McHarg, *Design With Nature* (1969); Richard T. T. Forman, *Landscape Ecology* (1986); Michael Hough, *Cities and Natural Process: a Basis for Sustainability* (1994), entre muitas outras.

¹¹ Guterres na *Stockholm+50*, in, <https://unric.org/pt/guterres-na-stockholm50-apelo-ao-fim-da-guerra-suicida-contra-a-natureza/>

¹² Guterres na *Stockholm+50*, in, <https://unric.org/pt/guterres-na-stockholm50-apelo-ao-fim-da-guerra-suicida-contra-a-natureza/>

¹³ António Guterres o secretário geral da ONU mensagem no dia Mundial do Ambiente, in, <https://unric.org/pt/mensagem-sobre-o-dia-mundial-do-ambiente/>

¹⁴ 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável: 1 Erradicar a pobreza; 2 Erradicar a fome; 3 Saúde de qualidade; 4 Educação de qualidade; 5 Igualdade de género; 6 Água potável e saneamento; 7 Energias renováveis e acessíveis; 8 Trabalho digno e crescimento económico; 9 Indústria, inovação e infraestruturas; 10 Redução das desigualdades; 11 Cidades e comunidades sustentáveis; 12 Produção e consumo sustentáveis; 13 Acção climática; 14 Proteger a vida marinha; 15 Proteger a vida terrestre; 16 Paz, justiça e instituições eficazes; 17 Parcerias para a implementação dos objectivos.

¹⁵ [Tudo o que precisa saber sobre a Stockholm+50 - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](https://unric.org/pt/tudo-o-que-precisa-saber-sobre-a-stockholm+50-nações-unidas-onu-portugal)

e da qual resultaram a Declaração de Estocolmo, e a proposta Olof Palme (1927-1986), primeiro ministro da Suécia, para a criação do Dia Mundial do Ambiente¹⁶.



Olof Palme (1927-1986) primeiro ministro da Suécia em Junho de 1972 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, in, <https://www.youtube.com/watch?v=0dGIsMEQYgI>

No seu discurso Olof Palme alertava: “Na relação humana com o meio ambiente não existe futuro individual, nem para pessoas, nem para nações. O nosso futuro é comum. Precisamos compartilhá-lo e desenhá-lo juntos” e ainda

“O ar que respiramos não é propriedade de nenhuma nação, mas compartilhado. Os grandes oceanos não são divididos por fronteiras nacionais, eles são propriedade comum. O que se pede não é abrir mão da soberania nacional, mas usar a soberania em nome do bem comum”¹⁷.

Portugal fez-se representar na Conferência de Estocolmo de 1972 por uma delegação¹⁸ da qual se destaca o geógrafo e engenheiro agrónomo José Gabriel Mendonça Correia da Cunha (1927-2017)¹⁹ tendo sido apresentado o relatório nacional. O Presidente do

¹⁶ A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas de 15 de Dezembro de 1972 adoptou a Resolução 2994 designando o dia 5 de Junho como o Dia Mundial do Meio Ambiente.

¹⁷ Izabella Teixeira, Roberto Waack e Renata Piazzon (integrantes da iniciativa Uma Concertação pela Amazônia), Opinião: Estocolmo+50 e o novo multilateralismo ambiental, 10 Junho 2022, in, <https://www.capitalreset.com/opinio-estocolmo-50-e-o-novo-multilateralismo-ambiental/>

¹⁸ Composta a delegação por Rui Barbosa de Medina, Embaixador de Portugal em Estocolmo, enquanto chefe da delegação, o Eng.º José G. Correia da Cunha, então já o Presidente da CNA da JNICT, e os vogais Cap. de Frag. José E. E. Cabido de Ataíde, representante do Ministro da Marinha, António José de Lemos Salta, representante do Ministro da Saúde e Assistência, Eng.º Helder Lains e Silva, representante do Ministro do Ultramar, Eng.º António José da Silva Teixeira, representante do Secretário de Estado da Agricultura, Fernão Favilda Vieira, do Ministério dos Negócios Estrangeiros e cumprindo a função de secretário da delegação, in, Brandão, Tiago, *Origens da Comissão Nacional do Ambiente na emergência da política ambiental em Portugal*, **Ler História**, nº 68, 2015, nota 146, <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1754#ftn146>

¹⁹ “Foi, como docente, o introdutor em Portugal dos estudos de Geografia aplicada e, como técnico de planeamento do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho de Ministros, o responsável pela definição geográfica das primeiras Regiões de Planeamento do país (1967). Foi pioneiro da causa ambiental no nosso país e foi fundador e único Presidente, de 1971 a 1983, da Comissão Nacional do Ambiente, que pode ser considerada como a primeira instituição portuguesa responsável pela orientação de uma política pública de ambiente, e Presidente da Comissão de Saneamento Básico do Algarve. Foi eleito Deputado à Assembleia Nacional em 1969 integrado na “Ala Liberal”. Integrou o Primeiro Governo Regional dos Açores, como Secretário Regional Adjunto da Presidência, desde 2 de janeiro de

Conselho do Estado Novo Marcelo Caetano (1906-1980) convida o eng^o Correia da Cunha para presidir à Comissão Nacional do Ambiente criada em 1971²⁰.



Frame, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes,
<https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

Em Abril de 1971 enquanto deputado da ala liberal o eng^o Correia da Cunha em sessão da Assembleia Nacional, destaca que o ar e a água, a terra e o mar começaram, a assumir o carácter de bens raros, sendo uma preocupação universal e não são raros os países que dispõem de ministérios responsáveis pela protecção do ambiente²¹. Em 1977 Correia da Cunha seria eleito para a vice-presidência da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) como representante de Portugal em relação às questões relacionadas com o ambiente²².

Considerando que era importante arrumar a casa²³, o eng^o José Correia da Cunha era o coordenador da série documental *Há só uma terra...* (1972-76) produzida pela Comissão Nacional do Ambiente, com realização e apresentação do jornalista Luís

1979”, in, [Cunha, José Gabriel Mendonça Correia da. 1927-2017, engenheiro - Catálogo Coletivo Arquivos \(azores.gov.pt\)](https://www.azores.gov.pt)

²⁰ A portaria nº316/71 de 19 Junho de 1971 cria CNA. Segundo Marcelo Rebelo de Sousa, um dos consultores jurídicos da Comissão a par de Magalhães Mota, “era uma Comissão intergovernamental feita para empatar jogo, melhor, o Correia da Cunha queria que ela trabalhasse, mas depois tinha os directores gerais de todos os ministérios que queriam empatar jogo (...) mas foi o núcleo, o embrião de uma chamada de atenção para o problema ecológico”, in, Depoimento de Marcelo Rebelo de Sousa, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes, <https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

²¹ Cunha, C. (1971). **Aviso prévio sobre o ordenamento do território**, in Diário de Sessão da Assembleia Nacional, nº 97, X Legislatura, Sessão Legislativa n.º 2, p. 1927-1932.
<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/10/02/097/1971-04-27/1927>

²² Entrevista a José Correia da Cunha, in, Noticiário Nacional, 12 Junho de 1977,
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-jose-correia-da-cunha/>

²³ A poluição sonora e atmosférica, *Há só uma terra...*, RTP, 18 Janeiro 1973,
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>

Filipe Costa (1936-2020), exibida ao público em horário nobre na Radiotelevisão Portuguesa (RTP), procurando consciencializar a opinião pública dos temas relacionados com a ecologia e com as questões ambientais.



Frame, A poluição sonora e atmosférica, *Há só uma terra...*, RTP, 18 Janeiro 1973, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>

Em depoimento Luís Filipe Costa refere que “o avanço do tom crítico do programa e à medida que se iam dizendo coisas mais graves a censura começou a arregalar o olho, havendo vários graus de censura”²⁴, e o eng^o Correia da Cunha testemunha que

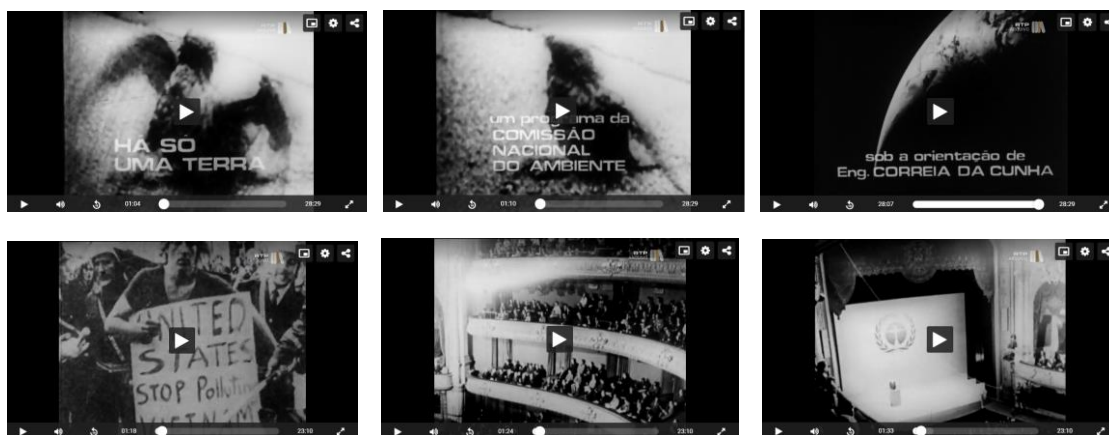
“logo a seguir à Conferência de Estocolmo ficou resolvido constituir-se a nível mundial um fundo mundial do ambiente (100 milhões de dólares) depois de uma reunião muito complicada, venho no avião e leio no jornal que o Brasil tinha adquirido uma frota de aviões de guerra num montante superior a esse valor (120 ou 125 milhões de dólares) isso fez-me muita confusão e quando chego cá, sempre com as urgências, tinha a equipa à espera, chapam-me com a máquina à frente e eu largo isso exactamente assim como é que é possível que um país realmente atrasado, com tantas dificuldades, com uma população vivendo muito mal gaste mais do que isso mesmo em armas de guerra, e depois tive conhecimento pelo próprio Ramiro Valadão de que lamentava muito mas tinham tirado do programa aquela parte”²⁵.

²⁴ Depoimentos de Luís Filipe Costa, in, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes, <https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

²⁵ Depoimento de José Correia da Cunha, in, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes, <https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

No programa *A poluição sonora e atmosférica* de 18 de Janeiro de 1973 é referido

“Estocolmo, Suécia, Junho de 1972. Manifestações violentas assinalam a abertura da 1ª conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Humano. Os problemas do ambiente, explicaria um membro da delegação britânica, são técnicos em apenas 10%, os restantes 90% são de natureza política. Politizada a partir da rua, a conferência reunida pela certeza de que a vida está em perigo neste planeta, não consegue estabelecer a estratégia de defesa de que se necessitava, limita-se a abrir o caminho. Resultado mais importante o mundo quase todos nós tomamos conhecimento da existência do problema o que é naturalmente diferente de se ter tomado consciência da gravidade e posição perante ele. Mas a informação começa a actuar. Poluição, crescimento industrial, ecologia, explosão demográfica, qualidade de vida, corrida aos armamentos, palavras e expressões que começam a invadir a linguagem do quotidiano”²⁶.



Frames do programa *A poluição sonora e atmosférica*, in *Há só uma terra...* CNA, 18 de Janeiro de 1973, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>



Frames do programa *A poluição sonora e atmosférica*, in *Há só uma terra...* CNA, 18 de Janeiro de 1973, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>

²⁶ *A poluição sonora e atmosférica*, in *Há só uma terra...* CNA, 18 de Janeiro de 1973, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>

O programa Dia Mundial do Ambiente da série Há só uma terra... comemoraria o primeiro ano de celebração da Conferência/Declaração de Estocolmo e por isso Luís Filipe Costa refere que se pretende que a celebração seja

“reflexionadora comum sobre a actual crise do homem, porque todos nós somos parte do problema, todos nós teremos e ser parte da solução. Solução essa que por exigir tão radicais mudanças no pensamento nas estruturas poderá não estar para muito breve. Por isso mesmo este primeiro dia mundial do ambiente dirigiu as suas principais preocupações para o sector da juventude”²⁷.



Frame do programa *Há só uma terra...* tendo como fundo o Cartaz do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) O Mundo é a nossa casa, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>

Cumprindo-se assim um dos princípios da declaração de Estocolmo

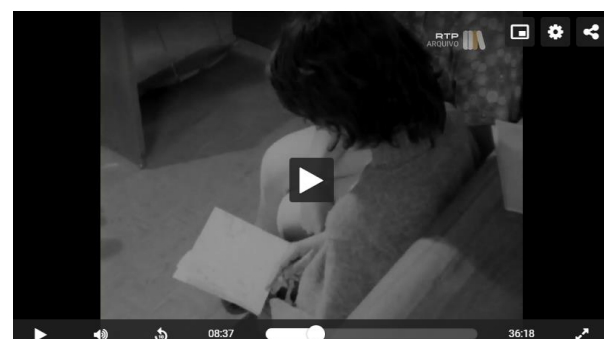
“É essencial ministrar o ensino, em matérias de Ambiente, à juventude assim como aos adultos, tendo em devida consideração os menos favorecidos, com o fim de criar as bases que permitam esclarecer a opinião pública e dar aos indivíduos, às empresas e às colectividades o sentido das suas responsabilidades no que respeita à protecção e melhoria do Ambiente, em toda a sua dimensão humana”

É dado particular destaque à leitura do livro de Júlio Moreira *Há só uma terra* por parte de alunos nas escolas, sendo exibidos excertos dessas leituras partilhadas, e das ilustrações que compõem o livro

“esta história contada por este pequeno livrinho editado pela Comissão Nacional do Ambiente com o apoio do Instituto Nacional de Investigação

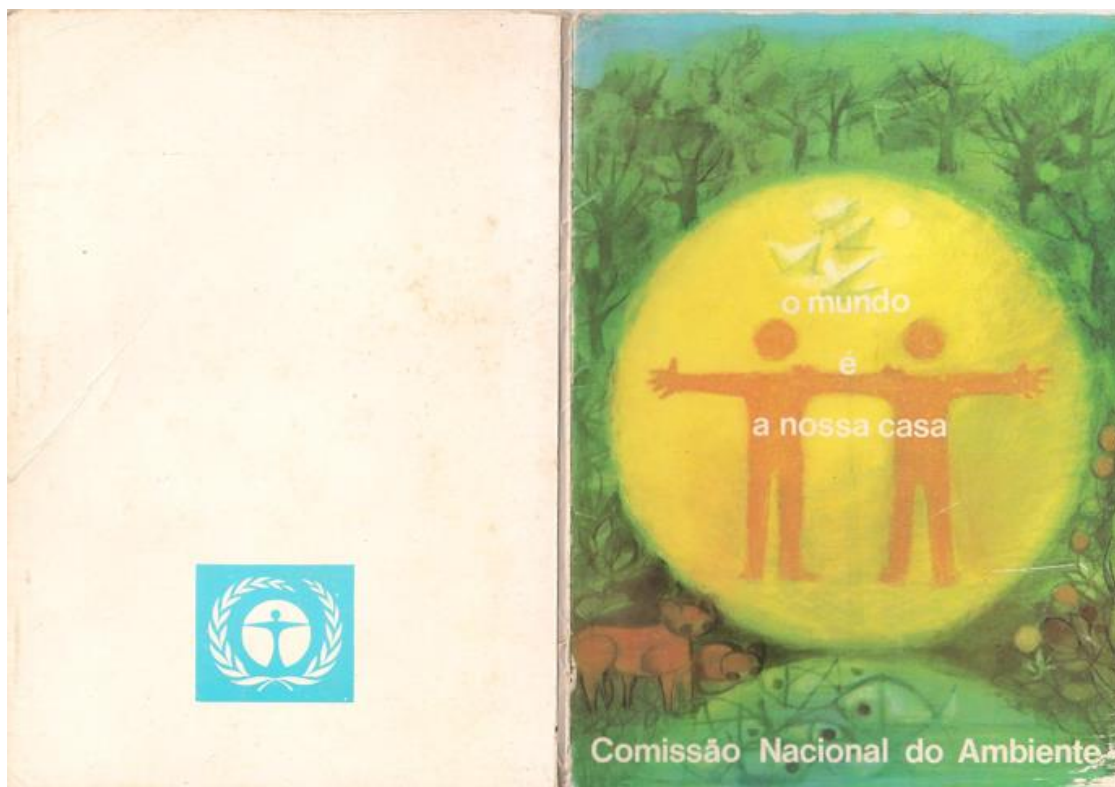
²⁷ Dia Mundial do Ambiente, *Há só uma terra...*, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>

Industrial neste dia mundial do ambiente ele andou de mão em mão nos liceus e escolas do nosso país em muitos dos quais se realizaram também aulas especiais, palestras e exibições de filmes”²⁸



Frames do programa *Há só uma terra...* tendo como fundo o Cartaz do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) O Mundo é a nossa casa, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>

²⁸ Dia Mundial do Ambiente, *Há só uma terra...*, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>



Capa e contra capa do livro de Júlio Moreira, *O Mundo é a nossa casa*. Ilustrações de Margarida D'Orey e Cristina Reis. Edição conjunta da Comissão Nacional do Ambiente e do Instituto Nacional de Investigação Industrial, (com base em elementos da 2ª Exposição de Design Português realizada pelo INII em Março de 1973). Composto e impresso no Instituto Hidrográfico, Lisboa, Maio 1973; na contra-capa consta o logo do Programa das Nações Unidas para o Ambiente; as fotografias do livro foram gentilmente cedidas por Cristina Reis

Tal como está mencionado na “ficha técnica” do livro *O mundo é a nossa casa*, os seus conteúdos resultam dos elementos da 2ª *Exposição de Design Português* realizada pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial em Março de 1973, remetendo assim para a autoria de Júlio Moreira do espaço “Landscape Design” patente nessa 2ª *Exposição de Design Português* e montado no Pavilhão da Associação Industrial Portuguesa da Feira das Industrias de Lisboa.

A exposição ideada por Sena da Silva com a programação, os projectos, o texto, o apoio gráfico e fotográfico da Cooperativa Práxis, procurava “obter um mínimo de sentido didáctico”²⁹. O arquitecto paisagista Júlio Moreira³⁰ chega do Brasil no início de 1973 quando o arquitecto-designer-fotografo António Sena da Silva (1926-2001) estava a preparar a 2ª *Exposição de Design Português* e logo o convidou.

²⁹Constantino, João, 2ª Exposição de design em Portugal, in, **Binário**, nº 174, Março de 1973, p.104.

³⁰ Júlio Carlos dos Santos Moreira (29 Dezembro 1929/29 Janeiro 1930-) licenciou-se em 1954 em Engenharia Agrária pelo Instituto Superior de Agronomia (“era onde ensinavam mais coisas sobre o mundo” (2ª exposição de design português, Lisboa, 1973, p. 223.) e em 1969 concluiu a formação em Arquitetura Paisagista pelo Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista.



Júlio Moreira (fotografia de Paula André, 2 Junho de 2022)

Na entrevista³¹ que realizamos a Júlio Moreira o arquitecto paisagista refere que Sena da Silva³² foi o coordenador e programador da 2ª *exposição design português* com o apoio da PRAXIS³³, e “reservou-me um espaço enorme para o *Landscape Design*”, acrescentando

“eu era o autor dessa secção da exposição; escrevo e faço o desenho que depois a Cristina Reis dava uma forma mais aperfeiçoada; o desenho de base da secção *Landscape Design* estava registado num caderno meu, um caderninho em papel couché, que seria o guião da exposição, e que eu com uma caneta feltro vermelha fiz uma série de bonecos e escrevi as frases principais que iriam guiar a narrativa da exposição. (...) A secção de certo modo autónoma designada inicialmente por *Landscape Design* logo corrigida por *Design Paisagem* beneficiou de um conjunto de circunstâncias que permitiram atribuir-lhe condições de eficácia inesperada. Uma delas senão a principal terá sido a do Engº Correia da Cunha que facilitou a execução do projecto, realizada pela Cooperativa Praxis, reconhecidamente de técnicos e colaboradores de formação política muito próxima do Partido Comunista, ter permitido os encargos de edição do livro *O Mundo é a nossa casa*”

³¹ Entrevista a Júlio Moreira, realizada na sua casa no dia 2 de Junho de 2022.

³² Júlio Moreira salienta que “Sena da Silva, ele próprio de uma família que com uma posição importante no meio industrial com as fabricações de baterias não terá despertado grande curiosidade por parte da PIDE”.

³³ No Catálogo a Programação/Projecto/Coordenação/Textos/Apoio Gráfico e Fotográfico/Montagem esteve a cargo da PRAXIS-Cooperativa de Estúdios Técnicos SCARL, com os seguintes membros da equipa: António Sena da Silva, Gastão Cabral de Cunha Ferreira, Tomás Xavier de Figueiredo, Júlio Moreira, Madalena Figueiredo, Assunção Cordovil, Jorge Cardoso, Lurdes Ceirão, Luís João Baptista e Luís Carrôlo, in, **2ª Exposição de Design Português**, Lisboa, 1973.

Júlio Moreira sublinha ainda que

“houve uma grande participação da PRAXIS [Cooperativa de Estúdios Técnicos SCARL], cuja equipa fez a montagem da exposição e houve um sector especial a trabalhar comigo no *Design Paisagem*, em que cada um tinha uma função; havia o guião e depois a maneira de o interpretar, a realização de esquemas, a realização de ilustrações e fotografias e ainda a montagem dos espaços, com as pessoas da carpintaria”.

Relativamente ao desenho expositivo, ao itinerário percorrido pelos visitantes e ao impacto no público dos conteúdos exibidos, Júlio Moreira destaca

“o acesso à exposição fazia-se directamente do exterior para uma sala, relativamente pequena com as paredes forradas por ampliações de fotografias das vítimas das cheias de novembro de 1967 (recolhidas na madrugada), para a escala dos visitantes, A catástrofe das cheias foi fruto da ocupação de zonas periféricas de Lisboa e de outras cidades periféricas, por barracas improvisadas nos terrenos não ocupados, por gente de várias origens e raça que procuravam trabalho nas piores condições. A única saída dessa sala, onde as pessoas se confrontavam com as vítimas das inundações, era realizada através de um corredor estreito e em penumbra, ao fundo do qual as pessoas viam a sua imagem de corpo inteiro reflectida num grande espelho. A seguir ao choque o paraíso terreal era oferecido num espaço tranquilo e daí em diante os visitantes eram conduzidos através de um labirinto sem fugas laterais, com textos e imagens no contexto dos princípios da Convenção de Estocolmo. O labirinto conduzia a uma sala de fim da exposição onde os visitantes dispunham de um cavalete com grandes folhas de papel onde podiam escrever os seus comentários, sem obrigatoriedade da sua identificação”

Segundo Júlio Moreira *Design Paisagem* “foi uma tentativa de apresentação didáctica, acessível ao maior número de pessoas, da crise que ameaça os sistemas formados pelas sociedades humanas e os lugares onde vivem”³⁴, e no fundo era “contrapor às campanhas sobre o «meio ambiente» uma visão mais ampla e menos tendenciosa”³⁵. Na verdade, procurava-se que os visitantes se identificassem com aquelas vítimas e se quebrasse completamente qualquer distanciamento. As pessoas saíam daquela sala atordoadas com aquelas enormes ampliações feitas a partir fotografias das cheias de 67 publicadas nos jornais, sendo esse trabalho de fotografia foi feito pela PRAXIS.

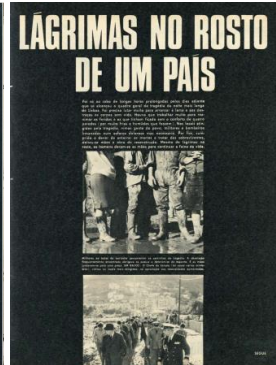
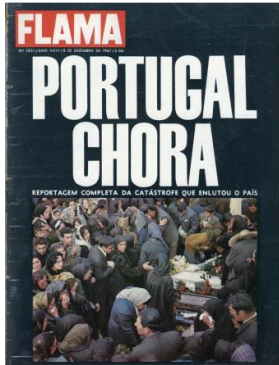
As fotografias das publicações periódicas passadas por jogos de escala dos quais resultaram fotografias públicas e às quais se acrescem as sequências montadas nas paredes da exposição, terão criado narrativas e discursos que certamente constituíram um ensaio fotográfico da crise do meio ambiente, encenado na cenografia do espaço expositivo. Júlio Moreira no seu artigo *Você vai ao teatro...Wogenschy & Butor*, apresenta a Casa da Cultura de Grenoble inaugurada em Fevereiro de 1968, projecto do

³⁴ Moreira, Júlio – *Design Paisagem?*, in, **Grafica 70**, n.4, 1974, p.35.

³⁵ Moreira, Júlio – *Design Paisagem?*, in, **Grafica 70**, n.4, 1974, p.35.

arquitecto André Wogenscky (1916-2004) colaborador de Le Corbusier de 1945 a 1956, como referência de um futuro em que “teatro em diálogo com a arquitectura encontrará novas expressões mais ligadas ao espaço e ao movimento” podendo o teatro (no mundo inteiro) ser influenciado pela sala móvel de Grenoble³⁶.

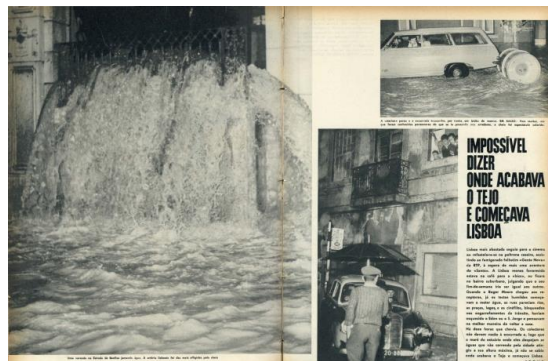
Podemos conjecturar que imagens das cheias de 1967 estariam exibidas nesse espaço através do cotejo de alguma publicações coevas como a revista *Flama* ou *O Século Ilustrado*, das quais extraímos algumas imagens



Flama, 8 dez, 1967

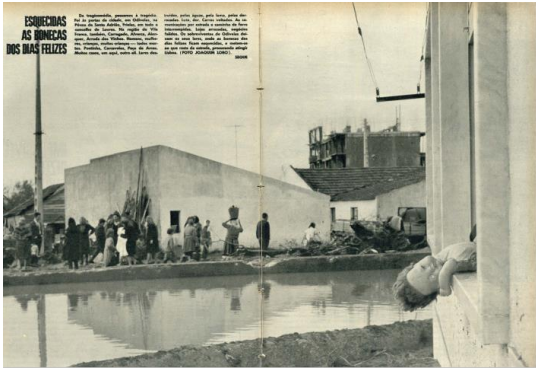


Flama, 8 dez, 1967

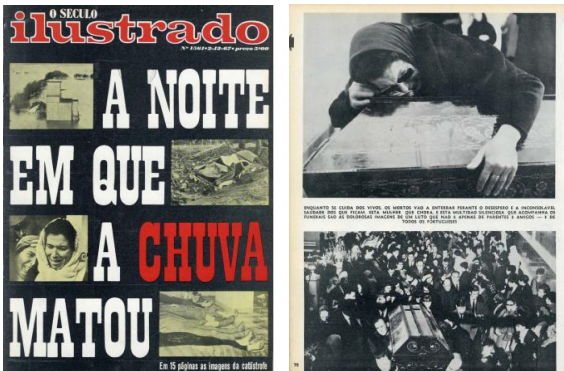


Flama, 1 Dezembro 1967

³⁶ Moreira, Júlio, *Você vai ao teatro...Wogenscky & Butor, in, & ect..., n° 13 (10 Março, 1968), p.7.*



Flama, 1 Dezembro 1967



O Século Ilustrado, 2 Dezembro 1967



O Século Ilustrado, 2 Dezembro 1967



O Século Ilustrado, 2 Dezembro 1967



Ainda segundo testemunho de Júlio Moreira

“nessa saída única onde havia um cavalete com papel de desenho de tamanho grande em que as pessoas escreviam o que queriam, desenhavam o que queriam e faziam os comentários que queriam, começaram a aparecer uns espias a arrancar as folhas, (mas houve muito desse material que foi recolhido e que foi para a PRAXIS); é claro que a censura devia estar pelos cabelos; não sei se alguém tem o espólio da PRAXIS”.

O *zeitgeist* fica claro:

“As coisas funcionavam pelos resultados que obtinham e não pela memória que guardavam; é importante guardar a memória, mas naquela altura ninguém se preocupava; não era prioritário; prioritário era mudar!”

No âmbito do *Landscape Design* Júlio Moreira testemunha que foi realizada à noite uma mesa redonda (21 de Março que teve início às 21:30) em que

“eu convidei pessoas com uma escolha inicial; convidei o José Cardoso Pires, convidei o Gonçalo Ribeiro Telles, entre outros, e depois havia as pessoas que queriam participar e que tinham evidentemente lugar para participar; o Gonçalo Ribeiro Telles tinha sido meu professor enquanto assistente do professor Caldeira Cabral³⁷.

Sem qualquer pretensão de fazer um levantamento exaustivo de como a imprensa recebeu a secção *Landscape Design* do arquitecto paisagista Júlio Moreira na 2ª *exposição design português* destacamos apenas algumas notícias publicadas nos jornais *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *República*, *Expresso*, *Jornal do Comércio* e o *Século*. Todas as notícias eram muito elogiosas e alguns artigos eram acompanhados de imagens.

O *Diário de Lisboa* ressalta a primeira demonstração de uma posição crítico-didáctica assumida por um organismo oficial no vasto sector dedicado ao “design paisagem” orientado por Júlio Moreira³⁸. No que diz respeito ao percurso refere que

“o visitante encontra desde o início uma sequência de mensagens, por vezes agressiva, que o compromete como vítima (e responsável) do processo de degradação do meio ambiente. Para não deixar dúvidas quanto a essa participação, a seguir a uma breve reportagem das inundações de 1967, o visitante encontra-se diante de um espelho, tendo como fundo a imagem de um prédio derrubado... A análise prossegue

³⁷ Júlio Moreira lembra que o mestre Caldeira Cabral chegou a ser meu hóspede na Paisagem porque ele saiu da Rua do Salitre e enquanto tinha as obras na Avenida da Liberdade no grande atelier dele, eu cedi-lhe uma sala grande na Rodrigues Sampaio (Paisagem) para ele se instalar; houve relações de grande proximidade.

³⁸ Colóquios na 2ª exposição de design Português, a volta do design, in, **Diário de Lisboa**, 21 Março 1973, p. 11

por uma via histórica e sociológica do significado do meio em que vivemos e da vida que nele somos forçados a viver”³⁹.

É dado ainda destaque à mesa redonda considerada como “complemento activo da exposição, e discussão da tomada de posição apresentada pela exposição de «design-paisagem». Nomeando as presenças na mesa do engº Correia da Cunha presidente da Comissão Nacional do Ambiente, o escritor José Cardoso Pires, o arquitecto paisagista Júlio Moreira como responsável pelo sector da exposição e moderador, o arquitecto Nuno Portas, o economista Pereira de Moura, o arquitecto paisagista Ribeiro Telles, o arquitecto Sena da Silva responsável pelo conjunto da exposição de design e Tomás de Figueiredo [1930-1994] director da Cooperativa Praxis”⁴⁰.

Também o *Diário Popular* deu destaque à mesa redonda referindo que o espaço tinha enchido e que o debate iniciado às 21:30 tinha sido muito vivo e prolongando-se até tarde acrescentando ainda a participação da “escultora Maria Helena Matos [1924-2015] do INII e a socióloga Barbara Lopes”⁴¹.

O *Diário de Lisboa* dava igualmente notícia das reuniões-colóquio onde Júlio Moreira tinha declarado

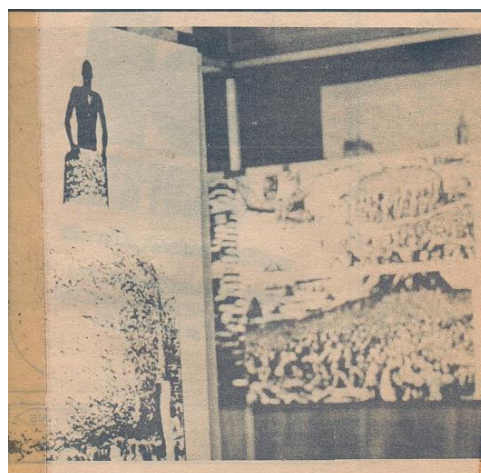
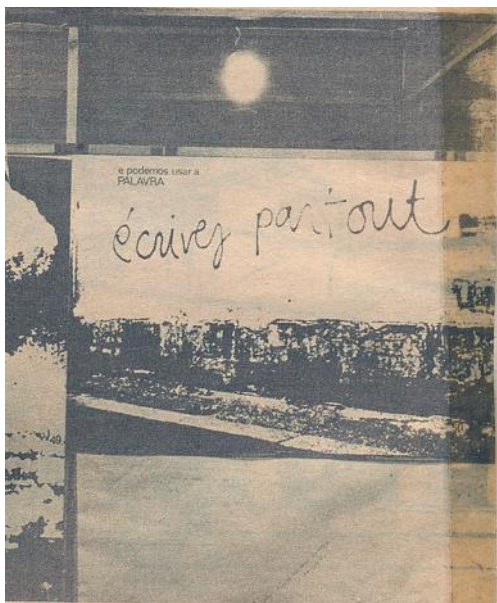
“o «design-paisagem» como A FESTA que não sabemos ainda como será, que temos de inventar, para a qual temos de preparar o mundo. «Para começar temos de arrumar o que está desarrumado...o espaço de todos...e o espaço de cada um, o tempo de trabalhar...e o tempo de viver, temos de deixar espaço para as aves, pôr os rios no lugar dos rios, pôr as árvores no lugar das árvores, deixar a terra aos bichos da terra, deixar a água para os peixes», sem no entanto saber muito bem fazer tudo isso. «Temos o buldózer, temos o computador, temos a indústria química, temos a energia atómica», só nos falta saber arrumar o mundo, «por isso estamos todos os dias a inventar» o landscape-paisagem-design «mas até agora só conseguimos realizar as aldeias turísticas, as cidades jardim, os bairros económicos, as cidades satélites, as reservas naturais (tudo inserido no contexto do grande infantário de todas as idades)»⁴².

³⁹ Colóquios na 2ª exposição de design Português, a volta do design, in, **Diário de Lisboa**, 21 Março 1973, p. 11

⁴⁰ Colóquios na 2ª exposição de design Português, a volta do design, in, **Diário de Lisboa**, 21 Março 1973, p. 11

⁴¹ O «Design» e a Industria em debate da FIL, in, **Diário Popular**, 22 Março 1973, p.13

⁴² O design em Portugal ou a intervenção adiada, **Diário de Lisboa**, 25 Março 1973, p. 6,7



O design em Portugal ou a intervenção adiada, *Diário de Lisboa*, 25 Março 1973, p. 6,7

O jornal *República* daria a anunciar que estaria patente no Porto no Palácio da Bolsa a secção landscape design – design de paisagem, da responsabilidade do engenheiro agrónomo e ficcionista Júlio Moreira referindo que

“Pertinentemente o estudioso, afirmando em concreto que não quis associar design com a «imagem falsa que ainda prevalece de arquitectura paisagística como arte de conceber jardins para residências de luxo ou alinhar pequenos espaços urbanos», chama a esta secção do certame um «depoimento». Um depoimento concebido para explorar a essência do conceito de design como resposta integrada para os problemas de bem estar e sobrevivência de grupos humanos». Aí se faz a denúncia explícita do que em verdade sucedeu há cinco anos e meio, por ocasião das trágicas enxurradas que vitimaram centenas de pessoas: «as avalanches de lama não acontecem por acaso, resultam da exploração desenfreada dos terrenos». Eis vários argumentos, constantes de painéis: -a destruição do solo e da vegetação reduz a infiltração da água das chuvas; -«os aglomerados impermeáveis de prédios de rendimento descarregam grandes massas de água das chuvas ao acaso na paisagem»; -«os aterros mal localizados e mal consolidados são facilmente arrastados pelas águas»; -«as construções mal implantadas impedem o livre escoamento das águas ao longo dos seus percursos naturais» (...) Propostas a este nível? Inventar, «arrumar o que está desarrumado». E não só (...) «precisamos saber (...) que nas condições actuais é cada vez mais necessário manter uma vigilância e uma crítica permanentes sobre as intervenções em todos os níveis que se praticam sobre o meio em que vivemos»⁴³.

⁴³ Pelas ideias, contra a rotina. A II Exposição de «design» português vai ser mostrada no Porto (Palácio da Bolsa), in, **República**, 24 Março 1973, p. 8,9.



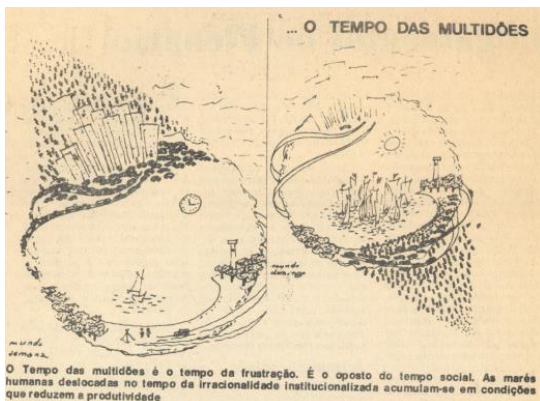
Pelas ideias, contra a rotina. A II Exposição de «design» português vai ser mostrada no Porto (Palácio da Bolsa), in, *República*, 24 Março 1973, p. 8,9.

O jornal *Expresso* considerava a secção *Landscape Design* útil e indispensável: “Útil porque «pôs o Homem a pensar em como melhorar o meio ambiente e a reflectir nos seus erros» (...) Indispensável porque o «Landscape Design» infelizmente ainda não está generalizado em Portugal”⁴⁴. Considerava que o que mais tinha afectado o público em geral era o aspecto de contestação que o «Design», mais especificamente o «Landscape Design», tinha resolvido encabeçar, e descrevia o circuito do espaço

“Encaminhados por um corredor que se dobra em sucessivos ângulos, aí defrontamos uma sequência de cartazes e fotografias alusivas à ideia que os organizadores desta Exposição quiseram pôr de pé: a indispensabilidade do «Landscape Design», como intervenção racional e estética na paisagem e a humanização que daí resultará para a vida de uma comunidade. Põem-se, portanto, aqui em realce os múltiplos aspectos tanto exteriores (os do meio ambiente) como interiores (os da vida quotidiana) que levam a pessoa a ver-se rodeada por um condicionalismo trágico do qual não se consegue facilmente libertar. Somos, em primeiro lugar, alertados por um acontecimento real, as cheias catastróficas de Novembro de 1967, apresentadas no seu quadro causal e de uma forma amplamente ilustrada. (...) Em seguida deparamo-nos com um estratagema simbólico – as flores de plástico – significando a desumanização da nossa época e da nossa vida, pela artificialidade daquilo que nos rodeia. (...) (veja-se o que acontece presentemente no oceano Pacífico: milhões e milhões de garrafas e outros desperdícios de plástico indestrutíveis, formando crescentes massas flutuantes) (...)”⁴⁵.

⁴⁴ Cenário de uma contestação, in, *Expresso*, 24 Março 1973, p. 3

⁴⁵ Cenário de uma contestação, in, *Expresso*, 24 Março 1973, p. 3

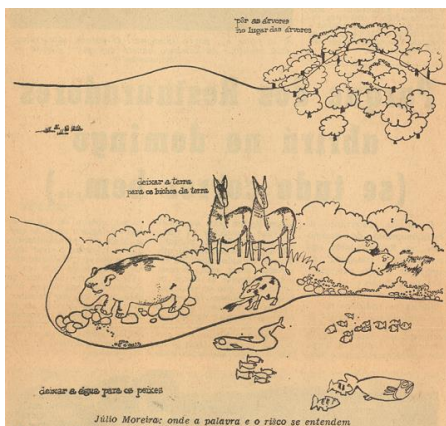


Cenário de uma contestação, in, **Expresso**, 24 Março 1973, p. 3.

O jornal *Século* sublinhava que na exposição aparecia também um mapa da cidade, em que são apontados, a vermelho, os «pontos quentes» (cheias e avalanchas de lama): Oeiras, Algueirão, Mem Martins, Vale de Lobos, Belas, Agualva, Odivelas, Póvoa de Santo Adrião, Ameixoeira, Lumiar, Ulmeira, Buraca e Alto da Boa Vista. Referia ainda que na exposição eram apontadas algumas das causas que estariam na origem das cheias:

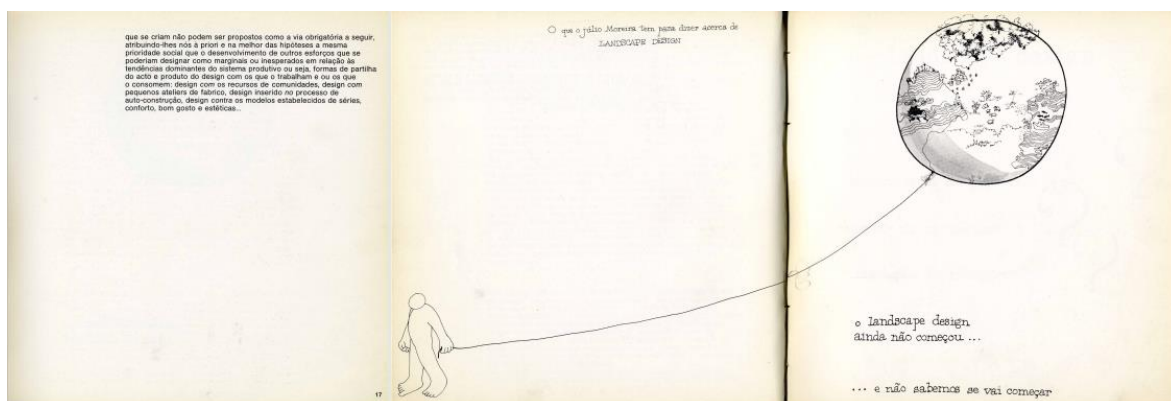
“destruição de matas nas áreas de declive, mobilização e abandono dos terrenos agricultados, detritos produzidos em pedreiras e saibreiras, cortes de estrada mal delineadas, má canalização de certos troços de ribeiras, construção de edifícios em zonas impróprias, mesmo sobre a linha de água, insuficiência de esgotos” (...) “isto acompanhado de séries de fotografias de becos, cemitérios de automóveis, lama, espaços comprimidos, que dão bem a ideia do assunto, são outros trabalhos presentes na exposição”(…) ⁴⁶.

Acompanhava o artigo do *Expresso* uma imagem do texto O que Júlio Moreira tem para dizer acerca de Landscape Design presente no catálogo da 2ª exposição de design português.



Balanco de uma exposição. «Design»: dar a cada objecto o lugar que lhe compete, in, **Século**, 28 Março 1973, p.9.

⁴⁶ Balanco de uma exposição. «Design»: dar a cada objecto o lugar que lhe compete, in, **Século**, 28 Março 1973, p.9.



O que Júlio Moreira tem para dizer acerca de Landscape Design, in, *2ª exposição de design português*, Lisboa, Março, 1973

Mas se o texto *O que Júlio Moreira tem para dizer acerca de Landscape Design*, desenvolvido à “maneira da poesia visual” e evidenciando o sentido de descoberta, perdurou no catálogo da *2ª exposição de design português*⁴⁷, o mesmo não aconteceu à edição de 1973 do livro *O mundo é a nossa casa*, uma vez que foi mandado queimar, pois tal como refere Júlio Moreira “Marcelo Caetano acabou por desesperar e depois do livro sair e ir para as escolas foi para à fogueira”. Depois da Revolução de 25 de Abril será feita uma nova edição do livro *O mundo é a nossa casa* (1975), mas fazendo um cotejo entre as duas edições verificamos que a edição de 1975 não corresponde exactamente à edição de 1973.

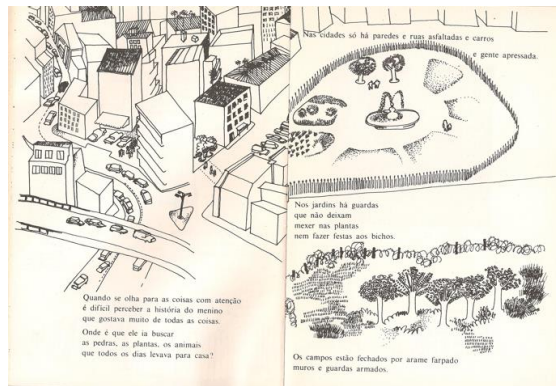
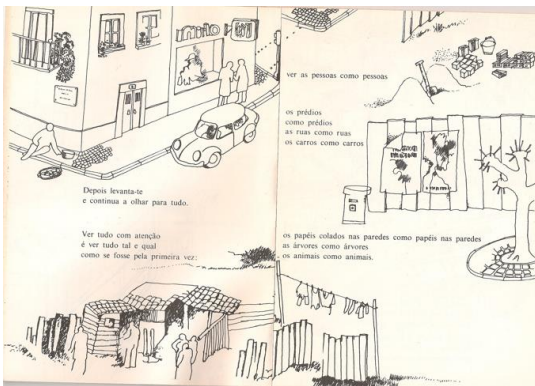


O mundo é a nossa casa (assinam este livro Júlio Moreira [1930-], Sena da Silva (1926-2001), Cristina Reis [1945-], Margarida D’Orey [1947-], Edição, CNA, Lisboa, 1975) Impresso no Instituto Hidrográfico Lisboa Maio 1975, [O mundo é a nossa casa by Cd25A UC - Issuu](#)

⁴⁷ O que Júlio Moreira tem para dizer acerca de Landscape Design, in, *2ª exposição de design português*. Lisboa, 1973, [p. 18-43]



Frames do programa *Há só uma terra...* tendo como fundo o Cartaz do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) O Mundo é a nossa casa, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>



Páginas da edição de Maio de 1973 do livro *O Mundo é a nossa casa*

As imagens/frases (... Ver os papéis colados nas paredes como papéis na paredes... Nos jardins há guardas que não deixam mexer nas plantas nem fazer festas aos bichos... Os campos estão fechados por arame farpado, muros e guardas armados) que ficaram registadas no programa *Há só uma terra...* de 5 de Junho de 1973 e no livro *O Mundo é a nossa casa* editado em 1973, não são replicadas na edição de 1975 do livro *O Mundo é a nossa casa*. É sempre preciso estar alerta! E é sempre preciso resgatar a utopia e a esperança de Júlio Moreira entendendo-as como Processo do Meio Ambiente em Curso!

Bibliografia

António Guterres o secretário geral da ONU mensagem no dia Mundial do Ambiente, in, <https://unric.org/pt/mensagem-sobre-o-dia-mundial-do-ambiente/>

Balanço de uma exposição. «Design»: dar a cada objecto o lugar que lhe compete, in, **Século**, 28 Março 1973, p.9.

BRANDÃO, Tiago - Origens da Comissão Nacional do Ambiente na emergência da política ambiental em Portugal, **Ler História**, nº 68, 2015, nota 146, <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1754#ftn146>

Carta UNESCO-UIA para a formação em Arquitectura. Paris, UIA, 2017,

Cenário de uma contestação, in, **Expresso**, 24 Março 1973, p. 3.

Colóquios na 2ª exposição de design Português, a volta do design, in, **Diário de Lisboa**, 21 Março 1973, p. 11.

CONSTANTINO, João - 2ª Exposição de design em Portugal, in, **Binário**, nº 174, Março de 1973, p.104.

CUNHA, Correia da - Aviso prévio sobre o ordenamento do território, in **Diário de Sessão da Assembleia Nacional**, nº 97, X Legislatura, Sessão Legislativa n.º 2, 1971, p. 1927-1932.
<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/10/02/097/1971-04-27/1927>

Depoimentos de Luís Filipe Costa, in, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes, <https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

Depoimento de José Correia da Cunha, in, Portugal um retrato ambiental-país de contrastes, <https://www.youtube.com/watch?v=Tnsuk5PQ-do>

Dia Mundial do Ambiente, **Há só uma terra...**, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-mundial-do-ambiente/>

O «Design» e a Industria em debate da FIL, in, **Diário Popular**, 22 Março 1973, p.13.

O design em Portugal ou a intervenção adiada, **Diário de Lisboa**, 25 Março 1973, p. 6,7.

Entrevista a José Correia da Cunha, in, Noticiário Nacional, 12 Junho de 1977, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-jose-correia-da-cunha/>

Guterres na Stockholm+50, in, <https://unric.org/pt/guterres-na-stockholm50-apelo-ao-fim-da-guerra-suicida-contra-a-natureza/>

HARVEY, David - The nature of environment: the dialectics of social and environmental change, in, **Socialist Register**, n.29, 1993, p. 25.

Lesly Lokko appointed curator of the Biennale Architettura 2023,
<https://www.labiennale.org/en/news/lesley-lokko-appointed-curator-biennale-architettura-2023>

Liam Young: Planet City -- a sci-fi vision of an astonishing regenerative future | **TED**,
<https://www.youtube.com/watch?v=AX4ewS-YIbA>

LORENZO CARDIEL, David - Para resolver las cuestiones energéticas también se necesitan filósofos, in, **Medio Ambiente**, 25 Maio 2022,
<https://ethic.es/2022/05/entrevista-michael-marder/>

MARDER, Michael - **El vertedero filosófico. Una fenomenología de la devastación**. Ned Ediciones, 2022.

MOREIRA, Júlio – Design Paisagem?, in, **Grafica 70**, n.4, 1974, p.35.

MOREIRA, Júlio -Você vai ao teatro...Wogenschy & Butor, in, **& ect...**, nº 13 (10 Março, 1968), p.7.

MORIN, Edgar - **De l'URSS à la Sainte Russie**, 2022,
<https://edgarmorin.sescsp.org.br/categoria/sobre-morin/36-de-l-urss-a-la-sainte-russie>

A ONU proclama que..., **Jornal do Comércio**, 5 Junho 1973, p.28.

Pelas ideias, contra a rotina. A II Exposição de «design» português vai ser mostrada no Porto (Palácio da Bolsa), in, **República**, 24 Março 1973, p. 8,9.

PELLUCHON, Corine - **Reparemos el Mundo. Humanos, animales, naturaleza**. Ned Ediciones, 2022.

A poluição sonora e atmosférica, Há só uma terra..., RTP, 18 Janeiro 1973,
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poluicao-sonora-e-atmosferica/>

2ª Exposição de Design Português, Lisboa, 1973.

SUÁREZ, Pablo - La forma en que habitamos el mundo explica también nuestra identidade moral, entrevista a Corine Pelluchon, in, **Medio Ambiente**, 19 Maio 2022, in, <https://ethic.es/2022/05/entrevista-corine-pelluchon/>

TEIXEIRA, Izabella; WAACK, Roberto; PIAZZON, Renata (integrantes da iniciativa Uma Concertação pela Amazônia), Opinião: Estocolmo+50 e o novo multilateralismo ambiental, 10 Junho 2022, in, <https://www.capitalreset.com/opiniao-estocolmo-50-e-o-novo-multilateralismo-ambiental/>